

FESTIVAL DE GINÁSTICA PARA TODOS COMO INSTRUMENTO AVALIATIVO NO ENSINO SUPERIOR: RECURSIVIDADE CONTEÚDO-VIVÊNCIA

Ezeni Martins Apolinário Miranda ¹; Kaio Cesar Celi Mota ²; Michele Viviane Carbinatto³

1. Docente na graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo, mestre em Promoção da Saúde.
2. Mestre em Ciências pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade da São Paulo.
3. Docente da graduação e pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

Correspondência para: ezeni.miranda@acad.unasp.edu.br

Submetido em 25 de junho de 2023

Primeira decisão editorial em 27 de outubro de 2023.

Segunda decisão editorial em 05 de Dezembro de 2023.

Aceito em 20 de Fevereiro de 2024

Resumo: É comum que disciplinas em cursos de graduação em Educação Física, sobretudo aquelas de cunho artístico-expressivo, como a dança e a ginástica, utilizem os festivais universitários como um dos instrumentos de avaliação educacional. Nesses eventos, os discentes são os protagonistas e concebem desde a organização até as composições coreográficas. Este trabalho analisa a percepção vivida por 13 acadêmicos quando da participação em um festival de ginástica como parte do processo avaliativo em uma disciplina. A construção dos dados ocorreu por meio de Grupos Focais, cuja análise fenomenológica suscitou em duas categorias: 1) “um festival que abrange: porque a avaliação deve instigar a superação”, pela qual se notou uma intensa emoção de transpor limites e a superioridade do

aprendizado prático em relação ao teórico; 2) “um festival que ressoa: aspectos para a vida!”, em que consta o mérito outorgado pela docente-mediadora e a convivência com os colegas como situações a serem transportadas para suas vidas cotidianas e futuras. Em suma, os alunos reconheceram o festival como um importante instrumento para o entendimento de conteúdos da ginástica, com relevantes aspectos pessoais e profissionais.

Palavras-chaves: Educação Física e Treinamento; Ginástica; Universidades.

GYMNASTICS FOR ALL FESTIVAL AS AN EVALUATION TOOL IN HIGHER EDUCATION: CONTENT-EXPERIENCE RECURSIVENESS

Abstract: University festivals are most frequently seen as educational evaluation tools in Physical Education graduation subjects, above all in subjects marked by artistic expression, such as dance and gymnastics. In these events, undergraduates are the lead actors, handling from organisation up to the choreographic compositions. This paper analyses the lived experience by 13 undergraduates who took part in a gymnastics festival as part of the evaluation process of one subject. Data construction was carried out through Focal Groups whose phenomenological analysis came up with two categories: 1) an all-encompassing festival, addressing: because the evaluation should prompt accomplishment, a deep emotion of crossing boundaries and the best outcome in terms of practical learning as compared to the theoretical one was noted; 2) a festival that resonates: aspects for life, it was addressed the merit professor mediator granted it and the time together with other students, as situations to be carried out to their present and future lives. In sum, the undergraduates recognized the festival as an important tool to understand gymnastics contents but also included relevant personal and professional aspects.

Key Words: Physical Education and Training; Gymnastics; College.

FESTIVAL DE GIMNASIA PARA TODOS COMO INSTRUMENTO DE EVALUACIÓN EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: RECURSIVIDAD CONTENIDO-EXPERIENCIA

Resumen: É común que las disciplinas en cursos de grado en Educación Física, especialmente las de carácter artístico-expresivo, como la danza y la gimnasia, den lugar a los festivales universitarios como uno de los instrumentos de la evaluación educativa. En estos eventos, los estudiantes son los protagonistas y conciben desde la organización hasta las composiciones coreográficas. Este trabajo analiza la percepción experimentada por 13 académicos al participar en un festival de gimnasia como parte del proceso de evaluación en una disciplina. La construcción de los datos se dio a través de Grupos Focales, cuyo análisis fenomenológico suscitó dos categorías: 1) un festival que abarca: porque la evaluación debe instigar a la superación, se notó una intensa emoción de traspasar los límites y la superioridad del aprendizaje práctico con relación al teórico; 2) un festival que resuena: aspectos para la vida, se pronunció sobre los méritos otorgados por el docente-mediador y la convivencia con los compañeros como situaciones a trasladar a su vida cotidiana y futura. En resumen, los alumnos reconocieron el festival como un instrumento importante para la comprensión de los contenidos de la gimnasia, pero con aspectos personales y profesionales relevantes.

Palabras clave: Educación Física y Entrenamiento; Gimnasia; Universidades.

Conflito de interesses: Não houve qualquer influência de interesses conflitantes na condução desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

A avaliação no processo educacional inspira reflexões constantes sobre práticas didáticas e modos de ensinar (SANTOS *et al.*, 2018). Como uma bússola, aponta direções para o caminhar pedagógico. Não é só instrumento de julgamento ou medida de conhecimento, mas útil a todos os envolvidos, num processo compartilhado de aprendizado.

Comumente, a avaliação é concebida em três dimensões, sendo a diagnóstica as informações *a priori* do conhecimento, habilidades e competências para acesso a determinado conteúdo; a formativa, que acompanha e revisa os processos de aprendizagem; e a cumulativa, que revela no final do espaço-tempo a incorporação dos conteúdos (LUCKESI, 2021). Tradicionalmente, apenas a terceira dimensão (cumulativa) era validada, evocando habilidades de conteúdo específico, por vezes decoradas e não contextualizadas.

Adiciona-se aos processos avaliativos posicionamentos sobre os conteúdos preconizados na formação profissional. Zabala (2002) discursa sobre três principais: os conteúdos conceituais – dizem respeito a capacidade de operar símbolos, imagens, ideias e representações; os conteúdos procedimentais – clamam pelos processos e ações para atingir metas; e os conteúdos atitudinais – a formação de atitudes e valores.

Posturas pedagógicas que primam pela recursividade entre os conteúdos, que apelidamos de recursividade conteúdo-vivência, parecem iminentes. Assume-se a produção de conhecimento que perpassa a in(corpo)ração das habilidades e competência concomitante ao saber fazer, propor, apresentar, mostrar-se. Portanto, é preciso um movimento de formação complexo em que a prática e as experiências possam elucidar as construções teóricas, enquanto que a teoria seja a possibilidade para a superação dos problemas da prática.

Inicia-se o discurso de que a avaliação é mais do que aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar os alunos. Na educação concebida como vivência de experiências múltiplas e variadas — na qual educar é formar, e aprender é constituir o próprio saber —, a avaliação assume uma dimensão orientadora e permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar progredindo na construção do conhecimento.

A avaliação na universidade deve focalizar o aluno em seus avanços e necessidades, integrando o processo de trabalho no dia a dia da sala de aula. Ou seja, a avaliação deve ser

usada como ferramenta durante todo o processo de aprendizagem, e os instrumentos de avaliação precisam ser diversificados, com momentos de análise, reflexão, envolvimento e tomada de decisões, tanto do aluno como do professor, pois este também precisa reorientar seu planejamento.

A área de conhecimento da Educação Física (EF) e Esporte não fugiu dessas premissas. Influenciada por paradigmas médicos e militares, incutiu modelos avaliativos métricos, em que perfil antropométrico, habilidades e capacidades motoras se sobressaem frente a outras prerrogativas. Esse modelo era paralelo a propostas pedagógicas de cunho tecnicista, em que a reprodução de conteúdo, ou mesmo a repetição de movimentos, eram tidas como referência.

Apreciação e a ordem tornaram-se regras na avaliação, e medir passou a ser a melhor maneira para regularizar e construir um conhecimento confiável. Como salienta Macedo (2002, p. 31) aparece a ideia de que basta medir para dominar, conhecer para fazer, explicar para compreender, entendendo que “sobre a conquista de um conhecimento paira, soberana, a miragem da precisão”.

Assim, a crítica reverbera pela incorporação e percepção do contexto no conhecimento. Se do ponto de vista histórico a avaliação era considerada como instrumento de julgamento ou medida para matematizar o conhecimento, hoje é parte do processo educativo, partilhado por todos os envolvidos e balizador de direcionamentos em prol do desenvolvimento de competências. Na contemporaneidade, urge a renovação. Da transmissão de conteúdo, em que as informações são frequentemente transitórias, por vezes sem contextualização, para envolvimento que geram autonomia, tomada de decisão, valores democráticos e raciocínio crítico (RODRIGUES, 2021).

Reflexões passaram a revisitar tais processos pelo desenvolvimento das ciências humanas e sociais, e suas interfaces com as práticas corporais, como o esporte. Ora, se os objetivos do processo de ensino e aprendizagem evocavam os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, porque a avaliação deleitava-se em, apenas, uma dessas características?

No âmbito das disciplinas nos cursos de graduação em EF, sobretudo aquelas de cunho artístico-expressivo, como a dança e a ginástica, festivais universitários são utilizados como um dos instrumentos de avaliação (PAIVA; SILVA, 2022; CARBINATTO; NUNOMURA, 2016). Nesses eventos, é comum que os discentes sejam os protagonistas, concebendo sua organização e composições coreográficas.

Isso posto, este artigo analisa a percepção vivida por 13 acadêmicos quando da participação em um festival de ginástica como parte do processo avaliativo em uma disciplina. Embebidos pela análise filosófica merleau-pontyana (MERLEAU-PONTY, 2018), não buscamos respostas diretas sobre o processo avaliativo e o instrumento utilizado, mas dançamos pelas sutilezas do mundo-vivido dos acadêmicos. E, assim, damos luz ao “sentir, pensar e agir” suscitado por meio da participação em um festival e, portanto, da proposta de avaliação utilizada.

METODOLOGIA

Utilizamos aqui a pesquisa qualitativa do tipo transversal e descritiva, com análise fenomenológica, por meio de duas sessões de Grupo Focal (GF) com a participação de 13 discentes. A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob número 5.715.050.

CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo ocorreu na disciplina Métodos e Técnicas das Atividades Ginásticas, presente nos cursos de bacharelado e licenciatura em EF, em uma faculdade privada na zona sul de São Paulo. A ementa da disciplina transcorria sobre a prática da Ginástica Para Todos (GPT).

A GPT é reconhecida como uma prática com 5 pilares básicos: aspectos lúdicos (*fun*); aptidão física (*fitness*); relações interpessoais (*friendship*); fundamentos biomecânicos das ginásticas (*fundamentals*) e a vida ativa (*for life*) (FIG, 2023).

Teóricos brasileiros evidenciam que as propostas pedagógicas devem prever a centralidade do praticante no processo, instigando-o na participação das aulas, treinos, composições coreográficas, etc. (SCHIAVON; TOLEDO, 2022).

O evento esportivo proposto, intitulado de Festival de Ginástica (FG), teve como objetivo as apresentações sequenciais de composições coreográficas, sem uma comissão arbitrária (julgamento direto) e premiação. Aos discentes, a incumbência de pensar, propor, ensaiar e apresentar uma composição em GPT.

Durante todo o semestre, as aulas foram focadas na concepção e criação dos elementos que compuseram as coreografias. O evento foi aberto ao público em geral, com duração de duas horas, quando as coreografias foram apresentadas.

CONSTRUÇÃO DOS DADOS: OS GRUPOS FOCAIS

A técnica do GF tem como propósito coletar informações a respeito de um tema específico, a partir da conversa e do debate com e entre os sujeitos. Sob essa perspectiva, o pesquisador reúne um seletivo grupo de indivíduos que integram o público-alvo do estudo, num mesmo local e durante um determinado período. Logo, os GFs se apresentam como espaços privilegiados de discussão e troca de experiências, promovendo debates que, com outra técnica, poderiam ser limitados (TRAD, 2009).

Dispostos em roda, numa sala de aula com café e cadeiras; o mediador iniciou a conversa apresentando vídeos das coreografias apresentadas no festival. O ponto de partida para a troca de ideias foi a indagação: como foi a sua experiência ao participar desse evento de ginástica? Durante cada sessão, os participantes compartilharam suas percepções, e assim surgiram novas questões conforme o entrevistador captava as nuances da conversa e acompanhava o fluxo de temas apresentados pelos alunos. O registro das entrevistas foi feito por meio de gravações em áudio e vídeo para posterior transcrição e análise de acordo com as categorias.

Foram realizadas duas sessões de GFs. Seguindo orientações do método (TRAD, 2009), um GF contou com 4 alunos e teve duração de 45 min., e o outro teve 9 alunos e duração de 50 min., num total de 13 discentes. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

ANÁLISE DOS DADOS

A análise fenomenológica descreve e analisa a experiência vivida em sua essência à luz da perspectiva do sujeito e suas múltiplas dimensões, tanto objetivas quanto subjetivas (FRANCO; SANTOS; CAMINHA, 2020).

Iniciamos com a leitura minuciosa da transcrição, enfatizando as experiências significativas e recorrentes. Em seguida, adentramos a interpretação dos dados. Para tal empreitada, suspendemos nossos juízos preconcebidos e mergulhamos no cerne da experiência humana, buscando capturar a estrutura fundamental do fenômeno e como ele se expressa na realidade (NÓBREGA, 2010).

VALIDADE E CONFIABILIDADE DOS DADOS

A validade e confiabilidade dos dados foram asseguradas por meio de um processo de triangulação, reconhecido na pesquisa qualitativa como uma estratégia para mitigar as tendências interpretativas do pesquisador e atestar a veracidade dos dados. A utilização de duas sessões de GF, a análise dos achados por 2 pesquisadores independentes e reflexões por 3 pesquisadores amenizam possíveis tendências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram discriminadas duas categorias que se interligaram com a percepção dos discentes acerca do "Festival de Ginástica" como um meio de avaliação, uma voltada à superação e a outra para aspectos de competências transferíveis para a vida.

1) Um festival que abrange: porque a avaliação deve instigar a superação!

A superação pessoal, do reconhecer limites e evidenciar potencialidades, foi notável nos diálogos. No enlace entre fenomenologia e práticas corporais, Carbinatto, Henrique e Patricio (2023) realçam a importância da convocação de uma ação deliberada de transcendência, abrindo-se para o conhecer-se e reconhecer o mundo pelo movimento, dentre eles, o gímnico. Um depoente (Lírio) testemunha a relação do tempo e seu interesse. Uma vez que parecia evidente a inserção do elemento “parada de mãos” na composição, o aluno relembra que “estagnou” algumas vezes no chão, mas foi persistente. Fato notado por um colega quando revelou: “ele chegava toda aula falando: agora eu consigo fazer a parada de mãos!” (Jairo).

Em um modelo simplificado de atuação, pode-se ignorar a referida habilidade. Mas a persistência aflorou-se, sobretudo pelo fato de estar comprometido com os colegas. Numa retroalimentação, a intersubjetividade (eu-outro) despertou o desejo intrínseco da superação. Destarte, fortaleceu a motivação para aprender, pois o aluno foi centralizado no processo (ALEIXO; MESQUITA, 2016).

Com veemência, outro discente (Nélida) enunciou: “eu também acho uma sensação única. Eu já sou mais experiente, no meio de jovens. Para eles foi algo diferente, mais facilidade. Para mim foi bem difícil no começo, no sentido físico. Eu pensei, eu não consigo

fazer cambalhota”. Na atualidade, discursos contraetaristas têm sido recorrentes (DONIZZETTI, 2019). Por exemplo, se tradicionalmente a indicação de atividades corporais para pessoas idosas voltava-se para a hidroginástica e caminhada, hoje se abre para qualquer prática, pois a metodologia deverá centrar-se no praticante. Mas, como presumir que os futuros profissionais estarão atentos à temática se não a incorporam na formação? Neste sentido, o instrumento proposto suscitou dúvidas sobre o que pode o físico e em quais práticas pode envolver-se.

É possível que os desafios corporais estejam mais associados à necessidade de adaptação a um novo contexto — materiais, colchões, posições corporais— do que à inaptidão física.

[...] quando você vê já está em outro nível, fazendo coisas que você nunca pensou de fazer, isso é o braço de qualquer esporte para qualquer criança né, é o começo, e muitas vezes o começo nós não temos (Darius).

Então, para mim era uma coisa impossível, montar uma coreografia, quando eu consegui, eu falei, nossa, é possível fazer, começando assim do básico, treinando, se tivéssemos treinando até agora seria bem melhor (Elísia).

A essência esportiva também se faz presente. Como destaca Bento (2004), em uma sociedade imediatista, é saudável a retomada do esforço, tempo, comprometimento e mérito quando da aquisição de literacia motora. Na perspectiva fenomenológica, submerge o íntimo quando da gestualidade esportiva (FRANCO; SANTOS; CAMINHA, 2020).

Interessante apresentar os aspectos do componente estético. Por se tratar de um festival, cuja meta é a apresentação coreográfica ao público, argumentos sobre a experiência estética ampliaram a percepção de si mesmo e sua intensa relação com o outro (do próprio grupo) e o outro (espectador) (MELO, 2022), reverberado com Zarai e Elísia, respectivamente:

Eu fiquei tímida, eu achei que eu ia ficar mais tímida, mas na hora lá eu fiquei emocionada, mas eu consegui fazer tudo, mas eu achei que não ia conseguir [...] eu consegui fazer todos os movimentos, fiquei orgulhosa.

Era tipo isso também, na hora de eu entrar ali, quando eu vi todo mundo [...] acho que não vou conseguir, só que eu percebi que o pessoal estava gostando, aí foi.

Adentrar um palco mesmo realizar uma gravação videográfica que será exposta a outras pessoas convocam o “se-apresentar”, virar foco do olhar do outro. Sair de uma relação

cartesiana corpo-mundo, para um espaço da manifestação da incerteza e dúvida (NÓBREGA, 2010).

Pesquisas sobre festivais ginásticos confirmam os eventos como promissores no acesso à experiência estética (MOTA; PATRÍCIO, CARBINATTO, 2022; CORRÊA, 2022). No caminho em que cada evento proporciona uma atmosfera diversificada, ginastas e público se relacionam por meio do espaço, das luzes e das performances, revelando um fazer ginástico carregado de emoções. Ademais, um sentido mais profundo da experiência é evidenciado por meio da intencionalidade expressa na ação do “apreciar”, sendo possível habitar e vislumbrar o corpo do outro. Desse modo, a experiência estética amplia a ação expressiva do corpo, onde a percepção e a sensibilidade serão aguçadas por meio de um fazer artístico-ginástico.

Rodrigues e Carbinatto (2023) discutiram estratégias metodológicas utilizadas por docentes de ginástica no ensino superior e confirmaram os eventos majoritários dentre aquelas. Foi unanimidade nos discursos a integração entre os saberes e envolvimento dos alunos no processo. Nossos dados convergem para a utilização instrumental dos eventos (avaliação) também para essas características.

Além disso, os achados trouxeram à tona uma contra-hegemonia de modelos sociais, pois os discentes revelaram que a proposta suscitou um conhecer em si e reconhecer no outro os limites, e instigar as potencialidades. Ora, se comumente a avaliação evidenciava os erros e cessava no dado numérico, parece que o festival fez com que os alunos compreendessem como lidar com essas individualidades, e envolver-se no tempo/espaço para superar ou (re)organizar a proposta em prol da apresentação em grupo. Concordamos, pois, com Nunes Filho (1997, p. 57) que afirma que “educar é dar a alguém a chance de ver e vivenciar o mundo como um todo. Precisamos de uma educação que seja capaz de intercambiar, não apenas as diferentes formas do saber científico, mas as multidiversidades de expressões da aventura humana”.

Santos *et al.* (2016) esclarecem que a criação de coreografia inclui a expressão corporal e possibilidades da subjetividade. Na contemporaneidade, soma-se a potencialidade da GPT quando da abertura e valorização de manifestações populares, revelando na composição um fazer ginástico que resiste a modelos coloniais de se fazer e pensar o movimento (CORRÊA, 2022). Portanto, parece coerente que aspectos da história de vida, contextos locais e sociais fossem lembrados na percepção vivida.

Claro está que há uma ponte revelada com propostas globalizadoras, como a de Zabala, que lembra que a finalidade do ensino deve ser direcionada para o conhecimento e atuação

para a vida e, por isso, estratégias, valores, normas, atitudes envolvidas nas propostas de ensinar devem permitir conhecer, interpretar e atuar na realidade “mais ou menos próxima dos interesses e das necessidades dos futuros cidadãos e cidadãs adultos, membros ativos de uma sociedade que nunca colocará problemas específicos disciplinares (2000, p. 215).

Importante alertar que os discentes revelaram superioridade do aprendizado prático em relação ao teórico. Premissa parecida foi encontrada nos estudos de Carbinatto *et al.* (2016), quando da efetivação de um festival de dança como instrumento avaliativo na disciplina “Dança” no bacharelado em EF em uma universidade pública mineira. Os discentes foram categóricos sobre a necessidade efetiva para aprender sobre contagem musical, ritmo, relação música/tema e figurino, e a decidir, dentre os infinitos movimentos, aqueles que se encaixavam com a proposta. Não bastava, apenas, entender cada conteúdo de forma compartimentalizada. Era, pois, necessário uma sistematização gestual dos mesmos. Ora, se como docentes cremos na retroalimentação entre teoria e prática, é necessário que a atuação docente revele direta e pontualmente que as ações são decorrentes de reflexões.

A conexão entre teoria e prática fomenta o desenvolvimento de habilidades e competências aplicáveis no âmbito da formação profissional. Tal fato corrobora Schön (2000, p. 30):

Um professor de tênis que conheço escreve, por exemplo, que ele sempre começa tentando ajudar seus alunos a terem a sensação de “bater certo na bola”. Uma vez que eles tenham reconhecido essa sensação e gostado dela, e aprendam a distingui-la das várias sensações associadas com o “bater errado na bola”, eles começam a ser capazes de detectar e corrigir seus próprios erros. E, em geral, não são capazes e não precisam descrever como é essa sensação ou por que meios eles a produzem.

Sem dissociá-las, mas as tendo como interdependentes, é preciso retomar a reflexão-na-ação para evitar rupturas, como a percebida nos discursos.

Acho ótimo porque é prático. Eu acho que a gente aprende mais na prática do que na teoria (Lírio).

Isso, nossa, é assim uma coisa que eu levo para a vida, eu aprendo muito na prática, a teoria a gente sabe que é importante, mas quando você tem uma vivência muda tudo, fica muito mais fácil (Yara).

É uma coisa legal você fazer a prática do que ficar na frente do computador só estudando eu acho muito chato (Lírio).

[...] melhor do que uma prova né, você fazer uma prova teórica cansativa, tensa, que você tem que estudar muito e na prática você fazendo aquela aula prática, preparando tudo né (Yara).

[...] a gente faz EF, a gente quer muito fazer práticas também para poder vivenciar né (Dulce).

Sabidamente, dois discentes alertaram os demais sobre o embasamento sólido na teoria para a prática:

Mas dizer que a gente não estudou muito também é sacanagem, porque nós estudamos muito(Jairo).

Não foi isso que eu quis dizer por que desde o início eu falei que a gente buscou muito, né? (Yara).

Importante alertar que o festival teve adesão obrigatória dos discentes, afastando-se de aspectos teóricos do lazer, comum nos estudos sobre eventos, por exemplo. Mas, evidenciou gatilhos para o trato com a imaginação quando do pensar coreograficamente, fato importante para a formação profissional, em concordância com Antônio (2002, p. 14):

definham processos de criatividade nas artes, nas ciências, na vida cotidiana. Processos necessários para a formação de homens que tenham relativa autonomia de pensamento e de linguagem, que sejam capazes de descobrir e inventar novos signos e novas ideias, e soluções novas para os problemas que se configuram, novos e antigos, para nós continuamente.

Em suma, é importante destacar que a relação entre teoria e prática não é uma questão de superioridade ou inferioridade. É preciso reconhecer a inseparabilidade entre reflexão e ação. A reverência ao mérito dos estudantes outorgados pela docente responsável pelo processo também teve papel na superação dos alunos. Por certo, tal incentivo não somente propiciou uma atmosfera de confiança e estímulo mas emergiu como um fator na maximização do potencial dos alunos durante o processo de aprendizagem.

A gente viu que a professora gostou, o que animou mais a gente foi que a professora gostou (Elísia).

Ela ficou muito orgulhosa né? Acho que ela não esperava tanto não, porque ela gostou mesmo (Cândida).

[...] ela foi bem compreensível, ela já trabalha com isso, então ela veio ajudando, mesmo se errasse, ela te apoiava (Orfeu).

A interação entre docentes e discentes deve ser edificada com base em elementos fundamentais, tais como o diálogo, a troca mútua de saberes e a afetividade (SILVA; RIBEIRO, 2020). Afinal, o estabelecimento de um vínculo construtivo e empático é

imprescindível para a obtenção de um ambiente educacional saudável e eficiente. O festival como instrumento avaliativo parece ter provocado não apenas a empatia, mas a legitimidade ofertada pelo docente como motivador do processo pelo alunado.

2) Um festival que ressoa: aspectos para a vida!

Tradicionalmente, os cursos de Educação Física pairavam sobre a pedagogia transmissiva, pela qual o conhecimento didático-pedagógico, as propostas curriculares e os planos de trabalhos eram pré-definidos e envolviam um caráter intelectualista da formação dos futuros atuantes na sociedade (CARBINATTO; NUNOMURA, 2016). Consequentemente, os instrumentos limitavam-se aos conteúdos, por vezes em habilidades e não no desenvolvimento de competência e formação do cidadão.

Movimentos sobre a pedagogia universitária foram, então, se inserindo na atuação do docente de EF. No X Encontro da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANTOFE, 2000), foram elencados princípios da formação profissionais, tais como o conhecimento e vivência de gestões democráticas, trabalho coletivo e interdisciplinar, pressupondo experiências particulares que possibilitem a construção do projeto pedagógico de responsabilidade coletiva. Nesta seção, esclarecemos como o festival evidenciou tais preceitos enquanto instrumento avaliativo.

A percepção da experiência vivenciada no festival também evocou situações transcendentais do espaço-tempo da aula. Houve um apreciar a ginástica por conta da convivência com os colegas e a relevância do pensamento coletivo na construção e apresentação de uma coreografia, evidenciando a sua indispensável contribuição para o FG.

No processo de experimentar o mundo, ocorre um atravessamento constante entre os indivíduos e as coisas (MERLEAU-PONTY, 2018). Foi possível capturar as impressões de 4 discentes, que alegaram que a experiência vivenciada no festival poderia ser transportada para suas vidas cotidianas e/ou futuras, como indicado por Elísia: “Vai ficar marcado”; Dulce: “Essa lembrança é muito boa para o resto de nossas vidas”; Zaire: “Eu vivenciei algo diferente que eu nunca tinha vivenciado...vou lembrar sempre”; e Yara: “É uma experiência realmente única, essa é a palavra”.

As falas mencionadas estão repletas de emoção, o que indica uma experiência prazerosa do corpo em movimento. Os gestos carregam em si uma intencionalidade que vai além das palavras. São expressões poéticas capazes de transmitir ideias, opiniões e emoções

de maneira profunda e significativa (MELO, 2022). O corpo assume uma relação dinâmica com o mundo vivido, renovando constantemente a dimensão dos sentidos gestuais, como se cada movimento fosse uma pincelada no quadro da vida. São as curvas, os saltos, as danças e os giros que compõem a linguagem única e universal do corpo humano, capaz de transcender barreiras de idioma e cultura. Através dos gestos, o corpo fala e escuta, compartilha e entende, em uma dança eterna de conexão e significado.

Além disso, a fenomenologia enfatiza a importância da reflexão sobre as experiências, a fim de compreender melhor o significado que elas têm para o indivíduo. Como Merleau-Ponty (2018, p. 49) afirmou: "A reflexão não é absolutamente transparente para si mesma, é sempre dada a si mesmo em uma experiência". Portanto, a reflexão sobre a experiência no FG pode ajudar a entender como essa vivência impactou a vida do indivíduo e como ela pode ser significativa para sua vida futura.

Mudanças significativas na relação com o conteúdo foram detectadas. Lírio confidenciou que, a princípio, não nutria qualquer afeto pela ginástica, tanto que só a praticava por mera imposição. Contudo, ao longo do tempo, essa verdade incongruente foi gradualmente transformada, e ele passou a apreciar a beleza na prática gímnica:

[...] no começo eu não tinha nenhum interesse em ginástica, vou te falar a verdade, no começo eu tinha zero interesse. A partir que foi passando o tempo, por conta da coletividade, também eu fui ganhando interesse [...]
Eu comecei porque era obrigado e quando foi passando o tempo eu fui ganhando interesse e fui começando a gostar (Lírio).

Cândida notou um estreitamento de laços de amizade, ampliando o conhecer a si mesmo e ao outro, e as possibilidades de convívio. Fato corroborado por Nélide que enalteceu o trabalho em grupo como balizador para que o interesse pela ginástica florescesse, pois foi no convívio com os seus pares que ela encontrou a motivação necessária para perseverar na prática.

E outra coisa que eu achei interessante nessa questão de avaliação é que como o fulano falou, você pensava que não era só você né, se eu falto no ensaio, se eu não me dedico, eu prejudicarei o meu grupo, se tornava pensamento coletivo. Eu não posso faltar no ensaio hoje (Nélide).

Um apoiando o outro, não estou conseguindo assim e a gente ia tentando, e o mais legal foi que nos ensaios todos nós estávamos presentes, ninguém faltava. A gente conseguia fazer do início ao fim de uma forma muito legal. Porque todos estavam muito envolvidos (Dulce).

Menegaldo e Bortoleto (2020) afirmam o potencial para a coletividade suscitado pela GPT. Afinal, é por meio de uma reflexão colaborativa que se estabelecem os alicerces necessários para a criação de uma obra harmoniosa e coerente, que não só expressa a singularidade de cada indivíduo, mas também celebra a beleza da união em prol de um objetivo comum. A avaliação, enquanto acompanhamento solidário, permite que os mesmos reconheçam o que sabem e onde precisam melhorar. Aspectos relevantes para o fomento das relações humanas, priorizando o coletivo ao individual ou, o âmbito fenomenológico eu-outro, como divagou Yara: “Nós como grupo estávamos preocupados no coletivo, não estava pensando no individual né, então é isso também, essa parte da avaliação a gente ficou muito no coletivo”.

O compromisso e a compreensão são alguns dos atributos que emergiram dos relatos, retratando a colaboração entre os praticantes e a beleza da harmonia coletiva (SCHIAVON; TOLEDO, 2022).

Não é você pensar que vai ser avaliado, o teu grupo vai ser avaliado (Nélida).

Você vê que é um grupo, todos unidos pelo mesmo objetivo. A gente vê o resultado, é muito bom. Olhar para a cara um do outro e ver ufaaaa, estamos quase, falta pouco (Nélida).

Nosso grupo eu achei que ficou muito legal, primeiro que a gente não tinha nenhuma pessoa ali que tipo, eu sei fazer ginástica, não tinha essa liderança [...] O que foi legal foi isso que a gente foi se conectando, um dava uma opinião, outro dava outra e a gente ia montando [...] teve convívio em grupo que é fundamental, que querendo ou não a gente não é tão próximo assim, em sala, numa prova individual. Então, você está numa relação de apresentação de grupo, acho que unifica mais ainda porque cada um dá uma ideia, mostra o jeito que queria fazer, acho que era é a principal diferença (Dulce).

Uma das tensões verbalizadas nos GFs voltou-se ao que podemos considerar como “acordos” para a composição. Se Elísia revelou que não havia nada forçado ou imposto e que houve aceitação do que seria capaz de fazer, e Darius revelou que todos se ajudaram e o que não saía tão bem era ressignificado ou substituído, Orfeu sentiu-se como um boneco executor de tarefa: “no meu grupo teve uma coreografia montada, nós éramos só as cobaias”. Não podemos eximir que houve uma relação eu-outro, mas nesse caso, com a manutenção de poder. Nessa experiência, o individualismo suplantou a harmonia coletiva, impedindo a emergência de um sentido mais amplo e significativo. Se na GPT não há movimentos codificados ou estereotipados e, portanto, espaço para acolhimento e engajamento de todos (ANTUALPA *et al*, 2021), incomoda que tais situações ainda sejam recorrentes. Se a

autenticidade e singularidade pode ser o estopim de ideias, é inconcebível, mas compreensivo, que as situações de uma única via ainda sejam notadas.

Ao realizarem um estudo do tipo revisão sobre a produção acadêmica em avaliação em periódicos brasileiros, Santos *et al.* (2018) são incisivos quanto ao necessário acolhimento na avaliação. Ao se constituir como um processo de intercâmbio entre indivíduos que se inserem em um trajeto de aquisição e incorporação de conhecimentos, devem compreender as subjetividades envolvidas e demonstrar a capacidade de reconhecer particularidades de maneira sensível e atenta.

Independente do formato, o objetivo da avaliação deve ser sempre o de melhorar a “significatividade e funcionalidade das aprendizagens para permitir que os alunos integrem o saber com o saber-fazer, o pensar e o agir com o sentido, o que lhes vai permitir desenvolver “competências para a vida”” (GONÇALVES; ALBUQUERQUE; ARANHA, 2008, p. 20), evidenciadas na experiência vivida no festival pelos educandos entrevistados.

Embora seja ampla e inclusiva, a diversidade de abordagens não deve perder de vista a conexão com a ementa da disciplina e o Projeto Político Pedagógico (PPP) em questão. É importante ressaltar que o uso desse instrumento complementa, e não exclui, abordagens mais específicas, como informações biomecânicas, aspectos históricos, seminários interdisciplinares e a relação entre hormônios de crescimento e/ou maturação de ginastas. Além disso, aspectos psicológicos, como o medo no ensino da prática, também merecem atenção.

Carbinatto *et al.* (2016) lembram que avaliar não é atribuir notas, mas revelar aos discentes os rumos do PPP e a formação profissional. Tece-se uma rede de olhares, aponta-se relevâncias e instiga-se as competências consideradas essenciais para o campo de trabalho. Pressupomos que, se os discentes vivenciam nos cursos de formação ações que instigam, provocam, contribuem para uma formação integral, provavelmente essa prerrogativa será transferida para a sua atuação.

Porém, reconhecemos a complexidade da avaliação. Se por um lado superar medidas objetivas é importante, ignorá-las não parece eficaz. Abordagens abrangentes não são sinônimos de extremismos. Aqui vale uma ressalva. Lembramos que nos processos educativos há, sim, uma preocupação com conteúdos conceituais, por exemplo. Nesse ínterim, alguns modelos parecem eficazes para a leitura mais profunda de textos. Discursos narrativos, acompanhamento de situações-problema específicas de processos de ensino-aprendizagem na ginástica (em que informações biomecânicas, por exemplo, se fazem pertinentes) podem (e

devem) acomodar as ementas de disciplinas na área da ginástica. Se a área de conhecimento da EF se legitima quando da sua aproximação com o domínio biológico e a objetividade e precisão, se ressignifica quando da esfera sócio-histórica envolta na subjetividade e contexto. Parece evidente, portanto, que os conteúdos, literalmente, se movimentam nesses aspectos, reverenciando uma área complexa em sua essência (SANTOS *et al*, 2018).

O caminhar científico aqui exposto revelou, também, possíveis limitações. A abordagem qualitativa de cunho fenomenológico, em que o mundo vivido teve a sua relevância (MERLEAU-PONTY, 2018), pode ter influenciado a sobreposição da subjetividade no diálogo. De um olhar entre os pares, estranhando o tipo de pergunta “Conte-me sobre a sua experiência”, os diálogos revelaram riqueza inter e intrapessoais. Mesmo que instigados pela conversa com o outro, a particularidade não foi abafada, ao contrário, pareceu ainda mais legítima pelo acolhimento do outro. Por sua vez, nos instigou o fato das pífias referências à gestão do evento, organização geral, aspectos pragmáticos e metodológicos do festival, também concebidos como habilidades e capacidades na proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos dados indicou uma vivência que transcende aspectos tradicionais dos instrumentos avaliativos. Ao discente, proporcionou acesso para que aspectos atitudinais fossem evidenciados: superação, estética, comprometimento e trabalho em grupo no processo avaliativo. Incitou uma jornada de autossuperação e uma noção de ser comunidade, aspectos raros atualmente. Mostrou-se coerente com instrumentos que se voltam ao ser em sua unidade, com dualidades inerentes ao viver, à técnica e ao gesto, ao comprometimento e ao prazer, à liberdade criativa e ao direcionamento gímnico, em recursividade evidente.

Em suma, os alunos reconheceram o festival como uma interessante ferramenta para expor aspectos pessoais e de competências para levar para a vida. Se desejamos que os profissionais de EF e Esporte percebam a corporeidade do aprendiz, que nossos instrumentos demonstrem equidades entre diferenças e estejam repletos de oportunidades.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, I. M. S.; MESQUITA, I. Impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo de iniciantes na ginástica artística. Brasília-DF, **Rev.Br. Ciências do Esporte**, v. 38, n. 4, p. 349-357, 2016.

ANTOFE. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. **Documento Final. X Encontro Nacional**. Brasília, 2000.

ANTUALPA, K. F. *et al.* A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 01-18, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/81117>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BENTO, J. O. Desporto para Crianças e Jovens: das coisas e dos fins. In: GAYA *et al.* **Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p. 21-28.

CARBINATTO, M. V.; NUNOMURA, M. Gymnastics in highest education: reflection on assessment. **Rev. Br. Ed. Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 171-181, jan. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbef/article/view/115459/113062> >. Acesso em: 07 jul. 2022.

CARBINATTO, M. V. *et al.* Avaliação em Dança: o caso dos festivais universitários da Educação Física. **Pro-posições**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 57-80, set/dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/TKC98nzVjggy6BRSVM8RZvP/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

CARBINATTO, M.V; HENRIQUE, N. R.; PATRICIO, T.L. Se-Movimentar ginástico: um olhar fenomenológico sobre o processo de ensino e aprendizagem da ginástica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, p. 1-16, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/67ZPgSzYb9RFPr7wyNLZBzv/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 16 abr. 2023.

CORRÊA, L. da S. **Me apresento pro mundo descortinando a Amazônia?:** o entrelaçar da identidade cultural na ginástica para todos. 2022. Tese (Doutorado em Educação Física e Esporte) — Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

DONIZZETTI, A.R. Ageism in an Aging Society: The Role of Knowledge, Anxiety about Aging, and Stereotypes in Young People and Adults. **Res. Public Health**, v. 16, p. 1-11, 2019, Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/ijerph16081329>>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FIG – FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. **Gymnastics for All Manual**. 2023.

FRANCO, M. A.; SANTOS L. A. M.; CAMINHA, O. Subjetividade, corpo e intercorporeidade a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. **Holos**, Natal, ano 36, v. 8, p. 1-13, 2020. Disponível em: <<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9620/pdf> >. Acesso em: 12 jul. 2022.

LOPES, P.; CARBINATTO, M. V. Ginástica para Todos e cultura popular: (re)conhecimento e valorização de manifestações populares. **Conexões**, Campinas, v. 20, p. 1-21, 2022. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8670839/31064>>.
Acesso em: 20 jun. 2023.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: passado, presente e futuro.**São Paulo: Cortez, 2021.

MACEDO, R. S. **Chryssallís, Currículo e Complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo.** Salvador: EDUFBA, 2002.

MELO, M. L. **Nado artístico: a sincronia do corpo para a educação física.**2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física. Natal, RN, 2022.

MENEGALDO, F. R.; BORTOLETO, M. A. C. Ginástica para todos e coletividade: nos meandros da literatura científica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e62007>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.**São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

MOTA, K. C. C.; PATRÍCIO, T. L.; CARBINATTO, M. V. “Longe, mas juntos”: experiências vividas em um festival de ginástica para todos em tempos de pandemia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-16, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/SzDGrbZmPGy536gmnPbxpnM/>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

NÓBREGA, T.P. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: Livraria da Física, 2010.

NUNES FILHO, Nabor. **Eroticamente Humano.** Piracicaba: Unimep, 1997.

PAIVA, F. S. L. de; SILVA, P. C. da C. Disciplinas de ginástica no ensino superior: o que ensinamos e aprendemos em tempos pandêmicos? **Rev. Did. Sistêmica**, Rio Grande, v. 24, n. 1, p. 57–69, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13913>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RODRIGUES. V. F. Experimentação da metodologia ativa como facilitadora de aprendizagem no curso superior de educação física. **Braz. Jour. of Devel.**,v. 7, n. 1, p. 4550-4560, jan. 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23035/18512> >. Acesso em: 05 jul. 2022.

RODRIGUES, A.P.G.; CARBINATTO, M.V. Estratégias metodológicas por docentes de ginástica: a experiência em festivais e campeonatos em evidência! In: BIANCHESSI, C. (Org). **Fazer e pensar a educação e o ensino: múltiplas abordagens.** Curitiba: Bagai, 2023. p. 65-78.

SANTOS, E. V. N. *et al.* **Metodologia do ensino da ginástica.** Londrina: Ed. e Distrib. Educ. S.A., 2016.

SANTOS, W. *et al.* Avaliação em educação física escolar: trajetória da produção acadêmica em periódicos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 09-22, jan-mar. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mov/a/BbzPqfDxT4QrddLCtPMc5rN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SCHIAVON, L. M.; TOLEDO, E. Resignificar caminhos na ginástica para todos: coletivos em movimento. **Conexões**, Campinas, v. 20, p. 1-20, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8672151/31109>>. Acesso em 21 fev. 2023.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**. Artmed: Porto Alegre, 2000.

SILVA, A. S. S.; RIBEIRO, M. L. Relação professor-estudante no ensino superior: uma revisão de literatura. **Ed. por escrito**, v. 11, n. 1, p. 1-10, jan-jun. 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/34309/19749>>. Acesso em: 16 abril, 2023.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica de pesquisa em saúde. **Physis Rev. de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/int-2319>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ZABALA, A. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre, Artmed, 2002.